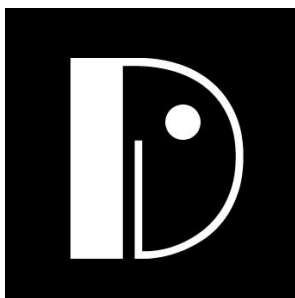




vol.1 n°2



DISSONÂNCIA

DOSSIÊ TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO

VOLUME 1, NÚMERO 2, DEZEMBRO/2017

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)



# DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**ISSN:** 2594-5025

**EDITORAS-CHEFES RESPONSÁVEIS PELO NÚMERO:** Inara Luísa Marin, Ingrid Cyfer, Mariana Teixeira, Bruna Batalhão.

**EQUIPE EDITORIAL:** Adriano Márcio Januário, Bárbara Santos, Fernando Bee, Olavo Ximenes, Rafael Palazi, Raquel Patriota, Ricardo Lira.

**CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO:** Alessandro Pinzani (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) – Andrew Feenberg (Simon Fraser University, Canada) – Arnold Farr (University of Kentucky, Estados Unidos) – Clodomiro Bannwart (Universidade Estadual de Londrina, Brasil) – Daniel Peres (Universidade Federal da Bahia, Brasil) – Denílson Werle (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) – Emmanuel Renault (Université Paris-Ouest Nanterre La Défense, França) – Erick Calheiros Lima (Universidade de Brasília, Brasil) – Everaldo Vanderlei de Oliveira (Universidade Federal de Sergipe, Brasil) – Felipe Gonçalves Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) – Gustavo Leyva Martínez (Universidad Autónoma Metropolitana, México) – Hélio Alexandre da Silva (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil) – Hélio Ázara de Oliveira (Universidade Federal de Campina Grande, Brasil) – Isabelle Aubert (Université Paris I – Panthéon Sorbonne, França) – Jaeho Kang (University of London, Inglaterra) – John Abromeit (The State University of New York) – Josué Pereira da Silva (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) – Katia Genel (Université Paris I, França) – Marcos Nobre (Universidade Estadual de Campinas, Brasil) – Miriam Madureira (Universidade Federal do ABC, Brasil) – Olivier Voirol (Université de Lausanne, Suíça) – Peter Erwin – Jansen (Hochschule Koblenz, Alemanha) – Robin Celikates (Universiteit van Amsterdam, Holanda) – Sérgio Costa (Freie Universität-Berlin, Alemanha) – Simon Susen (City University London, Inglaterra) – Stefan Klein (Universidade de Brasília, Brasil) – Stefano Giacchetti (Loyola University Chicago, Itália) – Yara Adario Frateschi (Universidade Estadual de Campinas, Brasil).

**DIAGRAMAÇÃO E CAPA:** Fernando Bee.

**IMAGEM DA CAPA:** Caroline Gaspar.

# PARTICIPANTES DO VOLUME

**Adriana P. Matos** é mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP

**Ana Catarina Pereira** é professora auxiliar na Universidade da Beira Interior

**Beatriz Rodrigues Sanchez** é doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo

**Cynthia Kraus** é professora da faculdade de ciências sociais e política da Université de Lausanne

**Danielle Petherbridge** é professora de filosofia na University College Dublin

**Estelle Ferrarese** professora de moral e política na Université de Picardie Jules-Verne/ CURAPP-ESS

**Gislene Aparecida dos Santos** é professora livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP)

**Jéssica Omena Valmorbida** é doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo

**Olivier Voirol** é professor de ciências sociais e política da Université de Lausanne

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

|   |   |
|---|---|
| Apresentação.....   | 8 |
| Ingrid Cyfer, Inara Marin, Mariana Teixeira, Bruna Batalhão |   |

## ARTIGO CONVIDADO

|   |    |
|---|----|
| O positivo e o político: Iris M. Young e o projeto da teoria crítica..... | 14 |
| Olivier Voirol  |    |

## ARTIGOS

|  |     |
|--|-----|
| Diálogos entre a teoria e a prática social: Seyla Benhabib e a fundamentação normativa da crítica..... | 50  |
| Adriana P. Matos   |     |
| Contestando os limites do político: o lugar da representação na teoria crítica feminista.....          | 74  |
| Beatriz Rodrigues Sanchez  |     |
| Benhabib e um espaço público para sujeitos concretos.....  | 105 |
| Jéssica Omena Valmorbida   |     |

## TRADUÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| Como se coalizar? Corpos aliados e democracia..... | 130 |
| Cynthia Kraus                                      |     |

O que há de crítico na vulnerabilidade? Repensando interdependência, reconhecimento e poder..... 145

Danielle Petherbridge

(Re)fazer a Teoria Crítica: por uma (re)leitura feminista..... 176

Estelle Ferrarese

## **RESENHA-ENSAIO**

Justiça e inclusão: Desafios contemporâneos aos movimentos feministas, na perspectiva de Iris Young..... 195

Ana Catarina Pereira

## **ENTREVISTA**

Quais são os desafios para as intersecções entre feminismo e raça? Entrevista com a professora Gislene Aparecida dos Santos..... 210

Natália Neris, Fernando Bee

# EDITORIAL

## APRESENTAÇÃO

As questões suscitadas pelas teorias e movimentos feministas ocupam um lugar central nos debates da Teoria Crítica contemporânea. Essas questões, no entanto, não estavam originalmente no horizonte do Instituto de Pesquisa Social. A aproximação entre Teoria Crítica e feminismo deu-se gradualmente ao redor do mundo, tendo sido particularmente intensa nos Estados Unidos, em meio à agitação dos movimentos sociais de fins da década de 1960, conhecidos como *Nova Esquerda*. Nesse contexto, filósofas engajadas em tais movimentos começaram a forjar a relação entre Teoria Crítica e Feminismo que tem hoje maior repercussão no debate internacional.

A influência teórica que as autoras feministas têm produzido na Teoria Crítica contemporânea desde então, somada à crescente demanda por reflexões sobre opressão de gênero na sociedade e na academia brasileiras, tem aberto caminho no Brasil para uma rápida expansão desse campo que atravessa diferentes disciplinas, especialmente a filosofia e a teoria políticas, a filosofia moral, a psicologia, a teoria social e o direito.

Neste segundo volume da *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, esperamos colaborar para a consolidação dessa área de pesquisa no Brasil. Os artigos selecionados apresentam diferentes abordagens acerca da contribuição que a Teoria Crítica pode oferecer à teoria e prática política feministas, assim como reflexões sobre os subsídios que estas últimas podem proporcionar à elaboração de uma



teoria que seja crítica no sentido específico da Teoria Crítica, ou seja, comprometida com a produção de diagnósticos do tempo presente, assim como com a apresentação de potenciais emancipatórios inscritos nesse diagnóstico.

A primeira seção deste número é dedicada ao **artigo convidado de Olivier Voirol**, originalmente apresentado em francês, na forma de fala, na abertura do *Colóquio Iris Young* em junho de 2017. O texto coloca Iris Young na tradição da Teoria Crítica por meio da especificidade representada pela relação da autora com a teoria crítica do primeiro Horkheimer. A partir das noções de positividade do saber e sua relação com a ciência e o método da Teoria Crítica de Horkheimer, Voirol constrói pontes com a crítica de Young à lógica da identidade e à maneira como ela se apropria do método crítico transformando sua metodologia. É essa transformação que permite a Young pensar uma crítica ao comunitarismo e ao liberalismo que, por sua vez, possibilita uma maneira nova de pensar o político.

A segunda seção reúne três **artigos inéditos**. Em “Contestando os limites do político: o lugar da representação na teoria crítica”, **Beatriz Rodrigues Sanchez** discute a relação entre as teorias da representação e a teoria crítica de Nancy Fraser, tendo em vista o potencial presente na obra de Fraser para analisar as relações entre democracia e desigualdades. O artigo “Benhabib e um espaço público para sujeitos concretos”, de **Jéssica Omena Valmorbida**, por sua vez, analisa as noções e teses fundamentais com base nas quais Seyla Benhabib constrói uma concepção de espaço público universalista que se propõe a superar o excesso de racionalismo e a cegueira de gênero das teorias morais e políticas modernas e contemporâneas. Finalmente, o artigo de **Adriana P. Matos**, “Diálogos entre a teoria e a prática social: Seyla Benhabib e a fundamentação normativa da crítica”, aborda os debates realizados por Benhabib em *Situating the Self* (1992), tendo em vista especialmente sua reivindicação de que a

teoria crítica precisa de uma fundamentação normativa capaz de guiar o processo crítico.

A terceira seção é dedicada a três **traduções** de artigos publicados em livros e revistas internacionais que discutem alguns dos temas predominantes na teoria crítica feminista mais recente. Em “Como se coalizar? Corpos aliados e democracia”, **Cynthia Kraus** se volta à teoria política de Butler, levando em consideração aquela que seria uma de suas questões fundamentais: a possibilidade de formar comunidades, isto é, de criar alianças na vida social. A autora mapeia como o tema da coalizão ganha força ao longo da obra de Butler, tornando-se um tópico importante para entender como sua teoria da performatividade do gênero e sua ética da vida precária se articulam numa comum intenção de pensar os corpos em sociedade, os conflitos sociais e, sobretudo, as formas de intervenção e participação democráticas.

No artigo “(Re)fazer a Teoria Crítica: por uma (re)leitura feminista”, **Estelle Ferrarese** discute a contemporânea relação entre feminismo e teoria crítica. Para a autora, importa discutir de que modo o feminismo poderia “modelar o gesto crítico” na contemporaneidade, isto é, de que modo as teorias feministas poderiam reelaborar e atualizar certas constelações temáticas da teoria crítica. Nesse sentido, ao longo do artigo Ferrarese delinea três tópicos fundamentais à teoria crítica, discutindo ao mesmo tempo como eles ressurgem nas teorias feministas e de que modo eles podem ser repensados na atualidade.

Finalmente, o artigo de **Danielle Petherbridge**, “O que há de crítico na vulnerabilidade? Repensando interdependência, reconhecimento e poder”, debate um tema do pensamento feminista que é tão atual quanto controverso: o potencial crítico do conceito de vulnerabilidade. A autora aborda, neste artigo de 2016, dois modos distintos, e em certo sentido opostos, de conceber a vulnerabilidade:

ora como uma categoria normativa que enfatiza acima de tudo a interdependência constitutiva do ser humano como condição para autorrealização (tal como Axel Honneth formula em sua teoria do reconhecimento), ora como conceito ligado a uma teoria do poder que tem como preocupação central as relações estruturais de dominação e sujeição que marcam o processo de formação da identidade individual (o que aparece na obra de Judith Butler, em especial seus escritos mais antigos). Petherbridge procura traçar um caminho intermediário entre as críticas e as defesas da vulnerabilidade, ressaltando a importância de preservar as tensões e a ambiguidade do conceito para que ele possa manter o seu potencial crítico. Definir se em determinadas circunstâncias a vulnerabilidade é problemática ou não é uma questão aberta, e cuja resolução depende sempre das condições do debate público. Petherbridge desloca, assim, a discussão em torno da vulnerabilidade da esfera ética para a esfera pública política.

A quarta seção é dedicada à **resenha-ensaio** intitulada “Justiça e inclusão: desafios contemporâneos aos movimentos feministas na perspectiva de Iris Young”. Nesse texto, **Ana Catarina Pereira** aborda a relação entre justiça e inclusão social discutindo dois artigos fundamentais de Iris Young, “Five faces of oppression”, da obra *Justice and the Politics of Difference*, e “O gênero como serialidade: pensar as mulheres como um colectivo social”, publicado no oitavo número da Revista Ex Aequo da Associação Portuguesa de Estudos das Mulheres.

Finalmente, a última seção traz uma **entrevista** com **Gislene Aparecida dos Santos**, professora livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP). Formada nas áreas de Filosofia e Psicologia, atualmente leciona no curso de graduação em Gestão de Políticas Públicas da USP e na Pós-Graduação em Direitos Humanos da Faculdade de Direito da mesma Universidade. É também

pesquisadora do GEPPIS (Grupo de Estudos e Pesquisas para Inclusão Social) e do Diversitas (Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos), ambos na USP. Suas pesquisas se estendem, entre outros, pelos temas da ética, crítica do direito, multiculturalismo, políticas públicas, interseccionalidade, racismo e inclusão. Na entrevista conduzida por **Natália Neris e Fernando Bee**, além de uma sintética introdução sobre os problemas da localização do feminismo e da raça no campo da teoria e da conceituação científica, a professora Gislene dos Santos apresenta quatro desafios para o desenvolvimento de pesquisas que levam em consideração a interseção entre gênero e raça. Esses desafios, ela destaca, se referem tanto à maneira como a ciência é financiada e produzida quanto aos próprios fenômenos e conceitos que são problemas essenciais de pesquisa.

Boa leitura!

Ingrid Cyfer (editora convidada)

Inara Marin

Mariana Teixeira

Bruna Batalhão

Editoras do dossiê **Teoria Crítica e Feminismo**



**DISSONÂNCIA**

ISSN: 2594-5025

TEORIA CRÍTICA E FEMINISMO  
Volume 1, Número 2, Dezembro/2017  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

